

CARTAS DE RUBEN A. EM COIMBRA – O OUTRO LADO DO DESTERRO

ANA MARIA MACHADO*

Resumo: A divulgação de um núcleo significativo de cartas familiares que Ruben A. trocou com seus pais entre 1942 e 1945 desafia algum do conteúdo da autobiografia *O mundo à minha procura* que o escritor publicou na década de 60 e mostra como a correspondência funciona como antecâmara da escrita posterior. O confronto entre as duas modalidades de escrita do eu descobre assinaláveis diferenças entre os resultados dos pactos epistolar (Altman) e autobiográfico (Lejeune). Estas divergências são particularmente notórias nas impressões que o autor regista sobre o seu período de formação académica em Coimbra. Na escrita autobiográfica, o eu que se derrama esteticamente (Blanchot) é afetado pelos filtros que tempo e memória subjetiva lhe impõem, enquanto na correspondência privada se assiste a uma menor vigilância e, de certa forma, a uma maior naturalidade no modo de encarar o desenraizamento a que foi sujeito.

Palavras-chave: Ruben A.; cartas familiares; autobiografia; pacto epistolar.

Abstract: The disclosure of a significant core of family letters that Ruben A. exchanged with his parents between 1942 and 1945 challenges some of the contents of his autobiography *O mundo à minha procura* which the writer published in the 1960s and shows how correspondence functions as the antechamber of subsequent writing. The confrontation between the two modes of self-writing discovers important differences between the results of the epistolary (Altman) and the autobiographical (Lejeune) pacts. These divergences are particularly striking in the impressions that the author notes about his period of academic studies in Coimbra. In the autobiographical writing, the aesthetically-effusive self (Blanchot) is affected by the filters that time and subjective memory impose on him, whereas in private correspondence there is less vigilance and, in a certain way, a more natural way of facing the uprooting to which he was subject.

Keywords: Ruben A.; family letters; autobiography; epistolary pact.

1. A par de uma ficção inovadora e surrealizante, Ruben A. (1920-1975) assinou uma vasta produção autobiográfica, a que se vão acrescentando alguns núcleos da correspondência particular¹, integrada no espólio do autor, desde 1999 à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal². Na sua variedade de destinatários, esta correspondência é particularmente esclarecedora acerca do caráter de Ruben Andresen Leitão, o nome de batismo do escritor, revelando, quer uma constante busca de si próprio, como nas cartas trocadas com o primo Ruy Leitão e sua mulher, a pintora Menez, entre 1946 e 1948³, quer um intenso esforço por superar o receio de falhar, presente nas cartas que, entre 1942 e 1945 dirige à mãe e aos pais, por ocasião da sua saída de Lisboa⁴ e que constituem o *corpus* deste artigo.

* Universidade de Coimbra. Email: anamacha@fl.uc.pt.

¹ MACHADO, 2012.

² Após compra aos herdeiros, representados pelo filho mais novo do escritor, Alexandre Nicolau Bach Andresen Leitão.

³ MACHADO, 2012.

⁴ Desta correspondência apenas se conhecem os excertos que publiquei em «Ruben A.: a correspondência como laboratório de escrita», no número 181 da *Colóquio Letras* de 2012, no âmbito da edição das cartas do escritor que estou a preparar, e os que agora se dão a conhecer.

O contacto com a correspondência de um autor coloca sempre a difícil questão de saber como a ler. Entender as cartas «como algo que antecede a obra, a explica, a torna acessível à compreensão (...) [,] Como documento biográfico de um autor empírico que se esconde atrás de um autor textual (...)» são algumas das interrogações que Teresa Sousa de Almeida (1998) sugere na apresentação do n.º 1 da revista *Correspondências*. A resposta reparte-se, pois, entre a possibilidade de conhecer a obra ou o autor, parecendo haver uma maior inclinação para a possibilidade de aceder à sua personalidade⁵, ou, nas palavras de Silvina Rodrigues Lopes (1998: 149-150), de «surpreender as fraquezas do ser humano, aquilo em que o génio é ‘como todos nós’ e, se possível, mais infeliz (...)». É, portanto, neste sentido que esta autora considera as cartas como uma forma de «vida escrita», o que, segundo Amy Elizabeth Smith (1998), se torna mais evidente nas cartas familiares. Por seu turno, no clássico *L'équivoque épistolaire*, Vincent Kaufman (1990) introduz uma ligeira inflexão, considerando a correspondência como o famoso elo entre o escritor e a obra.

No caso da correspondência familiar objeto deste estudo, ou seja, as cartas familiares que Ruben dirige aos pais entre 1942 e 1945, a sua pertinência prende-se com a revelação de aspetos da sua personalidade e das suas vivências, omitidos ou dramaticamente transfigurados no segundo volume de *O mundo à minha procura* (1966), a autobiografia que inicia aos 40 anos. Deste modo, as cartas revelam um acréscimo de conhecimento sobre o autor, um confronto com um outro olhar sobre a realidade. Por seu lado, a autobiografia descobre a sua capacidade de ficcionalização ou de construção de um eu nem sempre coincidente com aquele mais imediato que as cartas revelam.

Algumas destas diferenças poderiam ser consequências da codificação genológica particularmente pregnante nas cartas familiares, como a função estruturante do destinatário – no presente caso, a mãe ou os pais – e a natureza confidencial inerente à correspondência⁶. Todavia, as divergências que a autobiografia oferece em relação às cartas parece defluir sobretudo do balanço narrativo, e interpretativo, que o autor faz da sua vida pregressa.

A diversidade de relatos entre o segundo volume de *O mundo à minha procura*, de 66, e as cartas da década de 40 reporta-se sobretudo à experiência de Ruben Andresen Leitão em Coimbra, oferecendo distintas visões da sua passagem pela cidade. Em 1942, vira-se obrigado a pedir transferência para a Universidade de Coimbra por ter reprovado três vezes em Psicologia, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde frequentava o curso de Histórico-Filosóficas.

Na diferente perceção da cidade que as duas fontes relatam percebe-se, na autobiografia, um profundo sentimento de exílio, enquanto, nas cartas familiares de 42-45, e particularmente nas do primeiro ano letivo (42-43), as emoções são muito diversas, revelando o outro lado do desterro, vivido sem o drama e sem o radicalismo que, mais tarde, o tempo irá sobrepor à memória que as cartas testemunham. Deste modo, o autobiográ-

⁵ PONCIONI-MÉRIA, 2003.

⁶ ROCHA, 1965; SEARA, 2008.

fico é aqui da ordem do testemunho indocumentável⁷, na medida em que contraria a representação do particular e do vivido que se encontra na correspondência familiar que Ruben dirige à mãe ou aos pais. E, por consequência, a arreferencialidade aqui patente infirma o «pacto referencial» que Philippe Lejeune (1975) atribuíra justamente à autobiografia, uma vez que o seu conteúdo seria suscetível de verificabilidade por parte do receptor. Face a uma tal derrogação, procurar-se-á explorar esta ambivalência a partir da recomposição autobiográfica, por um lado, e do imediatismo das cartas, por outro.

2. Tal como antes perante outros desaires juvenis, aquela reprovação e a prescrição académica que o obrigam a transferir-se para Coimbra constituem, para Ruben A., uma hecatombe que apresenta dramaticamente na autobiografia. No imediato, esta emigração deu-lhe a medida do homem e do drama da queda; mais tarde, mostrar-lhe-ia o desassombro de caráter e da lucidez sobre a sua condição de privilegiado. Do diagnóstico do mal ocorrido consta a necessidade de memorizar *ipsis verbis* a matéria lecionada, sem interferência da imaginação desviante, a grande tendência de Ruben A.:

O reino da minha Dinamarca está a soçobrar! Eis o grito que ouvia ao recolher da noite. A minha psicologia descascava-se podre. O meu crânio raro resistia aos prodígios de tanto decorar. Páginas seguidas evitando a mínima imaginação, tudo sabidinho, expresso na sebenta, parecia que estudava anatomia, Medicina e Direito ao mesmo tempo! Nada se relacionava com o curso em que me matriculara (...). A habilidade redundava num esforço vão. Reprovava 1, 2, 3 vezes. Fui posto entre a espada e a parede: ou ir para Coimbra concluir o curso, ou deixar de estudar. (...) Mais uma vez o primeiro round pertencia ao adversário, eu caía derrotado, a sangrar. Levava tempo o restauro⁸.

Esta era a miragem dos falhados, do Ruben B., o duplo negativo que o autor postula na «História Bilingue», em *Páginas III*, de 1956, um dos seus volumes de «pedaços de prosa»⁹.

Ao longo da sua vida, Ruben A. fora acometido por frustrações de lenta digestão e por grandes receios. Já a adolescência, no Porto, fora marcada pela obsessão da sombra, da mediocridade, pelo medo de falhar, de enveredar pelo burguesismo saloio tão distante da aristocracia de espírito que incipientemente ia ambicionando para si. Agora, a reprovação ia, mais uma vez, pô-lo à prova:

E na certeza houve um professor que me considerou burro, eu também o considerei burro, mas como era ele quem desempatava, tinha uma maioria de dois votos, perdi dois contra um e tive de abandonar tudo o que me trouxera a Lisboa. Como podia perdoar? Se os meus pais fossem pobres eu não me formaria. Esta a crua verdade. Ir para Coimbra com três reprovações ao lombo era para fazer hesitar qualquer cabo de esquadra. Valeria a pena? Custava muito dinheiro, dinheiro à vista, ali à boca do cofre, para sustentar um marmanjo, prestando-se a

⁷ LOPES, 1998.

⁸ A., 1993: 174.

⁹ «B É de azar, por causa da Raposa ter de voltar ao colégio. Foi a matemática que me quilhou. O verão foi sem consequências pelas tristezas do chumbo... E tudo por causa daquela hesitação que terminou pelo *Reprovado* – isto calou-me as possibilidades de entusiasmo, iniciativa, vigor e fé». A., 1998: 43.

*paternidade, assim, ao luxo de ele viver fora de casa, com mesa, roupa lavada, cigarros, divertimentos e engraxar de sapatos. Uma machadada de alto a baixo*¹⁰.

A auto-ironia de par com algum humor e a violência da metáfora final dão a medida do desaire e deixam supor o impacto da mudança. Ruben A., forçado a «abandonar» Lisboa, só podia encarar Coimbra como o degredo, independentemente do espaço que o iria acolher. Porém, o pessimismo com que encara a «emigração» é compensado pelo balanço que o tempo lhe permitiu fazer:

*Era injusto – o que seria justo mais tarde. Ignorava que tudo redundaria em chamada de novo capital, que enriquecia com a derrota. Que todo aquele que me quer fazer mal, acaba por me fazer bem. Era o meu encontro com a vida, um negativo e outro positivo. Levava-me tempo a ressuscitar. Demorava muito o meu terceiro dia*¹¹.

Numa escrita em que o eu se derrama, para usar a expressão de Blanchot, em *Le livre à venir*¹², Ruben A. manifesta a sua propensão para a referencialidade metafórica, para a reconfiguração imagética, aqui em analogia com Cristo, o grande sacrificado, e com implicações na crença que se vai desenhando numa providência a que não alude, mas que está subjacente ao seu otimismo essencial, apesar da amargura que tantas vezes o atravessa.

Nesta sua ida de Lisboa para Coimbra, há muito de um certo Jacinto queirosiano¹³: primeiro, o repúdio e, depois, o deslumbramento, num contraste que agudiza a repulsa e densifica o estereótipo do lugar. Ruben A. «tinha que (...) abdicar de muita diversidade que Lisboa oferecia, *despegar-se das esquinas*»¹⁴, numa alusão a uma vagabundagem dileitante de intelectual em formação, também de matriz oitocentista. Abandonaria o «célebre grupo de Cascais, o único grupo de classe em toda a Costa do Sol»¹⁵, onde pontificava, entre outros, Rui Cinatti:

*Todos na flor do deslumbramento, vendo-se, dia a dia, hora a hora, com um entusiasmo que fazia parar quem olhava para nós nas ruas, e desconfiar os outros amigos que haviam ficado nos apeadeiros da vida*¹⁶.

É neste contexto que Coimbra aparece como «um desterro»¹⁷, o «fel da existência»¹⁸ o «degredo»¹⁹. E, como qualquer estereótipo, também este é ditado pela ignorância: «Coimbra, um desterro! de que só conhecia a panorâmica vista da ponte, a Biblioteca, e

¹⁰ A., 1993: 175.

¹¹ A., 1993: 176.

¹² A., 1959: 195.

¹³ De resto, a metáfora é usada pelo seu amigo Manuel Torre do Valle em duas cartas que dirige a Ruben e que ele inclui na autobiografia: «arranja maneira de vir, um *week-end*, no gasogénio do teu Jacinto» (A., 1993: 187); e «E o Jacinto? A Casa república já tem o nome de 203?» (A., 1993: 206).

¹⁴ A., 1993: 179.

¹⁵ A., 1993: 179.

¹⁶ A., 1993: 182.

¹⁷ A., 1993: 176.

¹⁸ A., 1993: 179.

¹⁹ A., 1993: 180.

umas subidas e descidas, que mais?»²⁰. Familiar, só mesmo gastronomia e o têxtil: «arrufadas, manjar-branco de Celas, bolachas Triunfo, tecidos de estambre, do melhor»²¹.

Em fundo, a guerra, e os «milhares de homens» atirados «para as estepes da Ucrânia, e muitos mais milhares para as câmaras de gás»²². A Ruben A., pelo contrário, o passo para a frente atirava-o para Coimbra.

Ao desembarcar, a luz é a primeira nota que regista: «a cidade já no lusco-fusco recebia o momento exacto em que ficava com as suas luzes acesas»²³. E de novo o metaforismo ditado pela situação dramaticamente sentida:

*O que vinha eu ali fazer? Desembarcava como uma prostituta. (...) E ia passar alguns anos!? Foi como se um horror de horizonte cruzasse as pálpebras. (...) Fiquei espantado, bicho perseguido sem saber porquê nem por quem. Bicho isolado. Lince, galinhola, furão, bicho sem matilha, sem rebanho, extraviado de bando pela sua própria natureza*²⁴.

A solidão experimentada é interrompida pelo insólito, sonoramente perçecionado: «O confuso ouvia a campainha a tocar – um comboio adulto a passo de boi pelo meio da cidade – era o comboio da Lousã que avançava daí a minutos»²⁵.

Neste desalento de «homem morto de passado», e «Depois de tempos infinitos chegou à casa onde o Tópsius o esperava»²⁶, Rua de Santa Teresa, n.º 3. O «quarto lá no alto» é descrito como «quarto de meias-cortinas como se usa em meias-palavras em quase todas as meias-casas de Coimbra», numa redução a metade de toda a sua existência presente. O desconforto que aqui se diz é inapreensível: Tópsius, o amigo que já estudava em Coimbra e que ali o recebia, não «podia perceber a busca de inquietações»²⁷ que o assolavam. O ambiente não ajudava:

*quando veio a hora da janta, sentámo-nos uns catorze, encontrei então os donos da casa, arregimentados no pequeno lucro que aquela chusma lhes dava. (...) Eu não queria nada, nem comer, nem beber. Estava parado, estremunhado, acordado num pesadelo. Raio de Psicologia que me atirara para as sarjetas da alma. Continuava tonto, incapaz de aceitar, isso sabia eu, aquele panorama de dúzia e meia de pessoas a fazerem bicha de entrada à retrete, e a espreitarem quem se metia à frente*²⁸.

Porém, a esta reação epidérmica sucedia a da lucidez crítica cuja análise de novo o aproxima do Jacinto queirosiano:

20 A., 1993: 180.

21 A., 1993: 179.

22 A., 1993: 179.

23 A., 1993: 182-183.

24 A., 1993: 183.

25 A., 1993: 183.

26 A., 1993: 183.

27 A., 1993: 184.

28 A., 1993: 184.

No fundo sentia-me infeliz, com aquele tipo estúpido de infelicidade que se agarra do homem rico que tendo tudo não sabe tirar partido de nada. Assim a minha natureza por vezes reagia, eu estava à espera da reviravolta, mais cedo ou mais tarde viria. Disso podiam estar certos. Então tomava conta de mim, e ala para a frente.

Reparava que a liberdade se apoderava do eu, excepto ao almoço e ao jantar, excepto naquela casa onde o barulho, as batatas fritas sempre iguais, a bicha sempre com vontade, impediam de bocejo os intervalos que podiam ser divertidos²⁹.

O desagrado que se observa nestas páginas que relatam a sua chegada a Coimbra em nada se compagina com as cartas que Ruben escreve a seus pais em correspondência regularíssima. A discrepância entre as cartas, síncronas das vivências do autor, e a autobiografia, publicada 24 anos depois, permitem compreender o processo de recomposição da realidade que o escritor leva a cabo, fruto do balanço que realiza aos 40 anos de existência. A diferença de testemunhos em duas modalidades da escrita do eu parece dever-se, em *O mundo à minha procura*, a uma coerência numa certa desgraça que Ruben A. pretende encontrar na vida pregressa. Ainda que Coimbra se venha a revelar um espaço de deslumbramento e de liberdade criativa, e mesmo que se admita que Ruben tenha vivido um choque ao deixar o seu ambiente de «classe», a sinalização de vários dramas no seu percurso é essencial ao interesse da narrativa autobiográfica. Assim, esta revisão negativa pode ser ditada por sucessivos desaires, empolados pelos receios expressos pelo já referido Ruben B., o *alter ego* rejeitado, e agravados pela censura literária e profissional que Salazar lhe dirigiu em 1951, quando o já escritor era leitor de Português no King's College. A propósito de *Páginas II*, diz o Presidente do Conselho, em carta ao então ministro da Educação:

Há páginas inteiras completamente ininteligíveis e irredutíveis na análise das regras da gramática portuguesa, recheadas de termos de invenção do Autor e formadas sem tom nem som. (...) se o Autor é leitor em Londres, nessa qualidade temos nós de ver o que escreve e como escreve. Em conclusão: O Autor não pode representar Portugal nem ensinar Português³⁰.

O desalento foi tal que, apesar de Salazar ter recuado no reparo, Ruben abandona o lugar que ocupava desde 47³¹ e regressa, sem ânimo, a Portugal.

Em suma, a diferença de abordagem na autobiografia dever-se-á, muito provavelmente, à distância temporal, afetiva, ética ou ideológica existente entre o autor-persona-

²⁹ A., 1993: 144-185.

³⁰ CRUZ, *et al.*, 2001:117-118.

³¹ Veja-se a restante argumentação que faz jus à singularidade literária do autor: «Caiu-me ontem debaixo dos olhos um livro, *Páginas II*, de Ruben A., que me dizem ser leitor de Português em Londres, escolhido portanto ou patrocinado pelo Instituto de Alta Cultura. Pertence a boa família do Porto – Andresen, creio. O livro, ou é de um louco ou de um sujeito que, tendo dinheiro para pagar um livro de dislates, se propôs rir-se de todos nós. (...) Explora-se o reles, o ordinário, o palavreado porco, não só da língua literária, mas do falar corrente. § As porcarias, obscenidades, palavões juncam o livro. Em certas passagens é chocarreiramente desabrido com os ingleses. § Parece-me que o livro pertence a uma onda modernista, e não é um caso para a Censura e para a polícia de costumes. (...)». A impossibilidade de lecionar num leitorado «é o ponto essencial a tratar com o IAC. E já não falo de certas taras morais ou sexuais do livro onde se vê que o Autor deve pertencer aí a um círculo de pessoas que a polícia persegue».

gem sobre quem se escreve e o autor-narrador, numa outra fase da sua vida. Nestas circunstâncias pode então alterar os acontecimentos como lhe aprouver e construir um eu consentâneo com a imagem que pretende criar de si próprio³².

3. Por seu turno, as cartas familiares de Ruben, alheias à distância crítica ou ficcional, são marcadas pelo imediatismo do registo e, conseqüentemente, por uma maior sinceridade. Em relação ao período da sua formação académica em Coimbra, só existem as cartas de Ruben, num total de 113, incluindo também bilhetes-postais. Quanto às cartas que tanto o pai como a mãe lhe dirigiram, as que se conservaram reportam-se a um período posterior, pelo que só então se consegue reconstituir o anterior «intercâmbio de diálogo escrito³³». Já as cartas que Ruben dirige aos pais, e que o espólio preservou, remontam a um período mais alargado, nomeadamente, de agosto de 39 até 26 de novembro de 1949.

No conjunto de cartas familiares que dizem respeito à sua passagem por Coimbra, é muito revelador um eu que se desafia e que se empenha em suplantar o desaire académico sofrido em Lisboa. Mas, além deste sintoma transversal, há uma série de assuntos recorrentes, alguns de carácter prático, como sejam pedidos de vária ordem: livros, roupa (meias, camisas, camisolas, calças de *golf*, *smoking*), mimos gastronómicos (marmelada, queijo) e, sobretudo, dinheiro («particulares», «palhaços») que a mãe manda sem o pai saber. São também frequentes as expressões recíprocas de preocupação com a saúde de várias pessoas: mãe, empregada, avó; as informações sobre os progressos da república onde vivia, em termos de conforto, de mobiliário, de serviços domésticos, mas também dos convívios com visitas, entre as quais, a de alguns professores. O tema mais recorrente diz respeito à vida estudantil, à sua agenda, às datas dos exames, às publicações. Estas cartas ficam ainda marcadas pela atividade desportiva de Ruben, a demonstrar a sua condição social, pela sua vida amorosa e pelos reflexos da guerra – aviões, racionamentos, falta de produtos de primeira necessidade, preços exorbitantes.

Apesar de neste conjunto de cartas o diálogo não se perfazer por não se terem conservado as respostas dos pais, a evidência da sua dinâmica dialógica e do pacto epistolar³⁴ persiste na estrutura deíctica que Violi (1999) identifica nas cartas narrativas ou informais, em que um narrador de primeira pessoa, situado num determinado tempo e espaço, se dirige a um recetor com diferentes coordenadas espaciotemporais e cuja presença, na carta, se faz sentir através da enunciação e de outros elementos constitutivos do género: o sistema pronominal e a deixis espaciotemporal que também se reportam ao narrador, estando ambos presentes, em geral nominalmente, na despedida e no cabeçalho. No seu entender, esta aliança explícita entre narrador e recetor é fundamental na identificação do género.

Do ponto de vista do conteúdo, neste diálogo que se processa em diferido³⁵, as reações do interlocutor percecionam-se pelas referências às encomendas ou cartas rece-

³² MACHADO, 2008.

³³ VIOLI, 1990.

³⁴ SEARA, 2008.

³⁵ PONCIONI-MÉRIA, 2003.

bidas, a problemas de saúde, ao casamento do irmão, à gravidez mal sucedida da cunhada, ao exame de Medicina do irmão e a algumas questões familiares que se não entendem por faltar o contexto e a *co-rrespondência* (um problema de trabalho do pai, a zanga da tia Lalá, a doença da mãe do Rui). Do mesmo modo, o registo protocolar do tempo e do espaço atesta o rasto material do percurso pessoal de Ruben: as cartas colocam-no sobretudo em Coimbra, mas também, na tropa, em lugares que visita pontualmente a recreio (Serra da Estrela, Figueira da Foz), ou quando regressa a Lisboa e a mãe está no Porto. De nenhuma destas localidades deixa de manter a assiduidade da correspondência, a confirmar a noção de ausência como a especificidade da carta familiar³⁶. E é justamente por isto que Poncioni-Méria (1982) considera a carta uma forma de vencer a separação, o que fica patente na temporalidade epistolar, por natureza ansiosa, quer na intensidade feliz quando chega nova missiva, quer na expectativa da sua chegada. À parte a dimensão privada da carta familiar, e que em Ruben tantas vezes se reflete em relatos que faz à mãe ou nos pedidos de segredo em relação aos envios de dinheiro, a natureza distinta da identidade autoral sublinhada por Smith (1998) fica igualmente clara nesta correspondência, tanto na variedade de assuntos, como na rapidez com que os aborda, ou na escassa vigiância textual, sobretudo em relação à pontuação³⁷.

Aliada ao primado da franqueza que as cartas familiares testemunham, a identidade autoral do Ruben epistológrafo manifesta-se ainda na expressão de emoções sem outro filtro que não seja a visível propensão para a exploração imagética da linguagem que há de desenvolver na obra literária. Vejam-se as fórmulas de afeto nos «bicotis» que manda à «mãemocas»; no bebé a que chama «sapodesi» e que tarda em nascer, na «angina amorosa» que acomete o irmão, no «zé-zé-zé» a nomear o filho do irmão Zé e da cunhada também Zé, etc. A tendência para a criação de uma escrita nova, para a reinvenção da linguagem, ou para a libertação das convenções é um traço endógeno ao autor e encontra-se também noutras cartas, como sejam as dos anos de Inglaterra (1947-1951) que dirige a Rui Leitão e a Menez, ou, na linguagem de Ruben, «o casalinho saloio»³⁸.

O modo como Ruben se entrega às cartas privadas e nelas regista impressões e acontecimentos recentes parece prenunciar a forte pulsão diarística que mais tarde se confirmará tanto nos três volumes da autobiografia *O mundo à minha procura*, como nos seis volumes de *Páginas* ou mesmo no modo como, no dizer de Fernando Oliveira, a «escrita íntima contamina quase todos os romances»³⁹.

Não se tratando de uma prática epistolar de passagem obrigatória para aceder à obra, a correspondência de Coimbra é uma referência incontornável para se compreender o grau de insinceridade ficcional que, na autobiografia, contrasta com a verdade das cartas familiares. Neste contexto, para o confronto que aqui se pretende efetuar, toma-se como referência principal os anos de 1942 e 1943, relativos ao ano letivo em que Ruben

³⁶ MELANÇON, 1996; ALTMAN, 1982.

³⁷ A título de exemplo, comparem-se as referências entusiastas, mas sumárias à visita de Rui Leitão a Coimbra, no Carnaval, com as páginas que se dedicam ao episódio na autobiografia.

³⁸ MACHADO, 2012.

³⁹ OLIVEIRA, 2006.

chegou a Coimbra. E, sempre que tal se justificar, recorrer-se-á a cartas anteriores, do tempo de estudante em Lisboa, e posteriores, até ao final da sua licenciatura, em junho de 1945.

Na correspondência que antecede a sua vinda para Coimbra, pode já perceber-se a preocupação que a cadeira de Psicologia causava, tanto pelas referências sucessivas à disciplina, como a Matos Romão, o seu professor. Assim, em carta escrita na tropa, em Penafiel, datada de 14 de agosto de 1941, Ruben considera uma sorte ter de fazer Psicologia em outubro, por lhe permitir sair da «imundície» do exército. Percebe-se, pois, que é uma disciplina sem aprovação na época normal. Do mesmo modo, um ano mais tarde (11 de agosto de 1942), de novo na tropa, envia uma outra carta, agora de Mafra, onde desabafa o seu incómodo com o que teria sido a terceira reprovação e a contrariedade que significava ir para Coimbra:

Aquilo do Matos Romão tem-me arreliado bastante, mas também, agora, com a guerra, o que posso fazer? Nem sequer se pode sair de Portugal. Vou tentar a Coimbra, mas bastante, sei lá, contrariado. Até hoje a minha vida só tem tido surpresas. Talvez seja melhor.

De resto, sobre esta mudança de cidade, apenas se encontra mais uma carta emitida de Lisboa, em 29 de agosto de 1942, onde pede à mãe, no Porto, que tente obter uma carta de curso dos liceus, no Liceu Rodrigues de Freitas, e onde se queixa das «chatices» da burocracia e do dinheiro que é preciso gastar⁴⁰.

A preocupação com o dinheiro é uma constante nas cartas de Coimbra, traduzindo a consciência do que significava estudar fora de casa. Percebe-se que é o pai que envia a quantia calculada para se manter, mas também que é à mãe que, às escondidas, cabe suprir as dificuldades com que Ruben se depara para fazer face a despesas sobretudo com livros e, ocasionalmente, cinema, «pour boire», fazenda para fato, livro de curso:

Manda-me na volta do correio, se puderes, 50\$00 «pour boire», pois estou sem um tostão devido a um convite dos meus mestres para amanhã cá jantarem e paguei-lhes o cinema. Vê lá se não te faz diferença. O pai deve-me mandar no fim da semana ou no começo da próxima. Não digas nada dos 50\$⁴¹.

De todo o modo, em nenhum momento a questão financeira constituiu uma fonte de agastamento, sendo partilhada com a mãe sem que se sinta algum tipo de constrangimento.

À parte esta questão que, como se viu, a autobiografia sintetiza⁴², o aspeto mais relevante para o confronto em causa encontra-se na carta que Ruben dirige aos pais a

⁴⁰ Cf. carta de Lisboa, em 29 de agosto de 1942: «Para me matricular na Universidade de Coimbra preciso, entre outras coisas, da carta de curso dos liceus e que não encontro e, julgo eu, não se achará; pedia-te que fosses ao Liceu R. de Freitas e explicasses o caso, pois preciso, para a matrícula, a carta e uma pública forma da mesma. Se pudessem dar um duplicado da carta, explicando o que sucedeu, sem pagar outra vez os 300\$00 era bastante bom. Responde-me na volta do correio para Mafra. Isto só dá chatices...».

⁴¹ Carta de 3 de fevereiro de 1943.

⁴² A., 1993: 175, 195.

2 de novembro de 1943 e que assinala a sua chegada a Coimbra. A adjetivação claramente eufórica e os comentários bem humorados estão nos antípodas do que a autobiografia permite imaginar:

Depois de uma esplêndida viagem desembarquei em Coimbra, porque me disseram que era Coimbra, pois não conhecia nada. Meti-me num elétrico muito giro com um moço e, como o sítio onde moro é na Alta, ao pé do Penedo da Saudade, paga-se mais. Aqui em Coimbra paga-se o dobro para subir!

Bem, vim à Rua de St.ª Teresa. A casa pareceu-me bem simpática. Entrei e disseram-me que o meu quarto ficava no último andar. Fiquei contente pois é esplendidamente arejado e a vista dá para um vale que é uma maravilha. Enfim estou ao pé do Penedo da Saudade!!!

Segue-se a descrição do quarto e o pedido de alguns móveis em prol de uma maior comodidade: «um maple (pode ser o de Cascais), um candeeiro (tenho muita pressa, pois é para estudar) e um tapete velho que não seja muito grande». De seguida menciona a refeição que, globalmente apreciada, contraria o fastio referido em *O mundo à minha procura*:

Fui jantar. Sopa de massa com hortaliça que estava boa, mas pouco salgada. Pedi sal e todos olharam para mim; eu, atrapalhado, resolvi que não era nada insonso. Depois, vieram pastéis de massa folhada com bacalhau e arroz, que estava bem bom. A seguir, apareceu carne à jardineira bem saborosa e eu, truca, comi-lhe bem e no fim doce em creme (...)

Sobre os professores e o modo de lecionar, Ruben tem a melhor das impressões. Nesta primeira carta, reconhece ter «magníficos professores, dois deles são amigos íntimos do Agostinho e os outros são pessoas notáveis como professores e como escritores». Do mesmo apreço dá conta em carta de 4 de novembro de 1943, orgulhosamente emitida da «Coimbra dos poetas»:

Ontem tive as primeiras aulas, que gostei imenso, quer dos professores, quer da orientação dada aos cursos. Tive o Maximino, que me pareceu bom tipo, mas com quem não falei. A seguir tive uma aula do Damião Peres, que me deslumbrou, pois é realmente um grande historiador. O Damião Peres vive em Lisboa e vem cá dar aulas às terças e sextas, dias em que tem rápidos. É podre de chic!!!

E, mais tarde, em carta de 27 de março de 1943, arrisca a comparação com a universidade que deixara:

Aqui há mais ordem e método no horário de exames e no estudo. Em Lisboa, o ensino é bruto, pois em geral os mestres não se fazem perceber; daí resulta maior dificuldade para os alunos, diferença capital com o ensino de Coimbra. A matéria aqui é mais compreensível.

Ainda em matéria de estudo, a correspondência volta a contrariar o que se lê na autobiografia, a propósito da agenda estudantil:

*Em Coimbra, começar-se os estudos antes do Natal é um sacrilégio, de ateu ou burro. Mais: um insulto à praxe académica. Em Janeiro abrem-se os livros, em Fevereiro folheiam-se as sebatas, em Março sublinham-se as páginas e depois até ao exame a cabeça só serve para marrar*⁴³.

De facto, desde a primeira carta escrita em Coimbra que Ruben menciona o estudo, quer no pedido do candeeiro para estudar, quer no tempo que diz passar no quarto de seu amigo Tomás: «Eu, como é natural, vivo todo o dia no quarto dele, onde estudo, escrevo, leio, etc.» E, a carta seguinte, de 4 de Novembro de 1942, termina com um relatório das aquisições próprias de um estudante e do respetivo uso:

Ontem gastei bastante dinheiro, pois tive de comprar dois livros de filosofia que são absolutamente indispensáveis. Eu aqui só compro o absolutamente indispensável, pois tenho dezenas de boas bibliotecas. Espero, além dalguns apontamentos sebatas, não gastar muito mais dinheiro em livros. Já hoje estive a estudar pelos livros que comprei e que foram caros.

Mais uma vez, a autobiografia procedeu a uma composição da personagem à revelia do que estes testemunhos mais remotos veicularam.

Prosseguindo no seu encantamento por Coimbra, na mesma carta de 4 de novembro, relata, em termos entusiastas, o seu périplo pela Universidade:

Ontem à tarde depois das aulas dei uma volta pela Universidade, vi os Gerais, entrei e admirei a Porta Férrea, curvei-me na sala dos Doutoramentos e perplexo fiquei com a parada de reitores em bons retratos conforme as épocas. Vi a capela e a maravilhosa biblioteca, deslumbrei-me com a vista do calmo e preguiçoso Mondego e, nessa altura, senti a honra de pertencer à Liberalium Artium Facultas da Universidade de Coimbra. Enfim estou contentíssimo por aqui, fazendo ao mesmo tempo o máximo de esforço para cumprir o meu dever.

O sentimento depressivo que, em *O mundo à minha procura*, caracteriza a sua chegada a Coimbra está, portanto, ausente da correspondência onde, muito pelo contrário domina o encanto da descoberta.

Mesmo a casa de hóspedes que primeiro o alojou, embora com limitações visíveis, está longe da relutância e do desagrado transmitidos na autobiografia:

Com respeito às minhas instalações aqui não são más, mas têm bastantes defeitos. A comida é boa dentro dos limites do preço e das circunstâncias atuais. O quarto além do divã e uma janela, nada tem; a casa é barulhenta e cheia de miúdos, filhos dos donos da casa, e, ontem à noite, apanhei um susto, pois a pagar metade do dinheiro e a dona de casa disse-me que eram 600\$00 e para eu falar com o marido. 1º) Não pago 600 paus nas circunstâncias em que estou, pois é um roubo. (...) De manhã não há água quente; lavo-me em água fria (o pai está a dizer que faz bem); e não há chuveiro o que me faz uma falta fenomenal. Às 9 da manhã

43 A., 1993: 191.

venho sempre à sala de jantar, já pronto e barbeado, tomar o pequeno-almoço. (...) Eu, até ao fim do mês, vou vendo o que é mais económico e melhor para trabalhar, coisa aqui difícil, pois até os tetos são de madeira e, agora mesmo, estou a ouvir uns tipos aqui por cima a fazerem bastante barulho. As vantagens desta casa são poucas: quarto bem arejado e com vista para os lados do Penedo da Saudade e passar o eléctrico à porta⁴⁴.

A ideia de ir para uma república é a proposta que logo assoma, pois «Aqui todos os rapazes vivem em agradáveis repúblicas não gastando ao fim do mês com a criada, casa e comida, o que eles quiserem, mais de 450 a 500\$00».

A mudança de casa foi rápida e, no dia 10 de novembro, já escreve aos pais do novo «reino de fantasia», a república que acabara de criar com o nome mítico de *Babaou*, o título de um filme surrealista de Salvador Dalí. A partir daqui os sentimentos coincidem, embora, de novo, as cartas do futuro escritor surpreendam mais que a autobiografia, por aquilo em que o artista é igual a nós, expondo a «vida como vida escrita»⁴⁵: «Estou já a escrever-lhes do meu magnífico quarto na nossa casa. Eu como mais velho e como chefe desta casa escolhi o quarto, os outros foram tirados à sorte, pois havia tipos que queriam o mesmo».

São várias as referências à república, à sua decoração, às criadas, às comodidades, às visitas, às discussões, percebendo-se o nível cultural que ali se respirava e o convívio fácil com os docentes: ali jantam, entre outros, um professor de francês (carta de 30 de janeiro de 1943), os mestres, a quem também paga o cinema (carta de 3 de fevereiro de 1943), etc.

Alguns outros detalhes pessoais têm uma função específica nas cartas familiares, na medida em que revelam o caráter e o nível social do sujeito. Incluem-se aqui as várias referências aos jogos de cartas – *bridge* e *beziq*⁴⁶ – e ao desporto – o ténis e o *golf*. Sobre este último é de novo notório o cuidado que Ruben tem com os gastos quando, em carta de 26 de fevereiro de 1943, pergunta aos pais se seria possível continuar a ser sócio do Golf de Espinho.

Contrariando a fama de cabulice geral em Coimbra, Ruben estuda desde cedo, como se viu, e fá-lo com método e com bibliografia específica. A sua dimensão de estudante não é transposta para a autobiografia, mas é uma constante das cartas, onde se refere o muito trabalho, a preocupação com os exames, as orais, os pontos de frequência. Genericamente, Ruben é bem sucedido e pelo rasto do percurso pessoal, percebe-se que ultrapassa o que é estritamente obrigatório. A 19 de janeiro de 1943, refere, com modéstia, o artigo «Apontamento» que sairá na *Via Latina*, um jornal da cidade⁴⁷, e anuncia estar «a preparar outra coisa importante para o I[nstituto de]. Francês». Trata-se de um ensaio sobre *O Método e o Pensamento Religioso nas «Pensées» de Pascal*, que sairá apenas em 1945. A partir de 14 de março do mesmo ano inicia a preparação da sua tese de licenciatura sobre *Cartas de D. Pedro V ao Conde de Lavradio*, a que se refere na correspondência, a

⁴⁴ Carta de 4 de novembro de 1942.

⁴⁵ Lopes, 1998.

⁴⁶ Jogo francês do século XIX para ser jogado por duas pessoas.

⁴⁷ Publicado pela Associação Académica de Coimbra.

propósito do avanço das suas leituras e da escrita, da impressão, da edição e da opinião do seu orientador, Damião Peres.

Curiosamente, a sua faceta de investigador nunca é referida em *O mundo à minha procura*, sendo toda a passagem por Coimbra marcada sobretudo pela vida intelectual e social na república e pelos passeios pelas redondezas. De facto, as suas «Viagens na minha terra», sumária, mas entusiasmadamente descritas nas cartas familiares, são longamente recompostas na autobiografia, pelo que, neste ponto, a escrita epistolar constitui um sumário laboratório a produzir breves fragmentos que, mais tarde, o artista amplificará.

Finalmente, a tendência mistificadora da autobiografia verifica-se ainda no *coup de foudre* por uma Mafalda, estudante de Direito, que, na realidade, oculta uma Manuela com quem, em 45, diz pensar em casar-se (Porto, carta de 24 de agosto de 1945).

4. A ligação que tem vindo a ser observada coloca a correspondência de Ruben numa relação de «livro por vir» com a autobiografia, para usar uma outra expressão de Blanchot. De facto, o teor do confronto entre estes dois géneros confere às cartas o estatuto de ante-câmara da autobiografia. Embora não se possa afirmar que Ruben A. tenha utilizado as cartas como fonte de *O mundo à minha procura*, a hipótese poderá confirmar-se, não tanto pela transposição das «impressões» assíduas que enviava a seus pais, uma vez que, pelo *corpus* observado se verificou uma frequente dissonância de atitudes, mas pelos tópicos abordados. Ainda que a sua relevância justifique a memória que deles se deixa na autobiografia, a copresença nos dois géneros de escrita do eu afigura-se suficientemente sintomática e deixa supor o uso da correspondência como um guião de uma autobiografia que, pelo contraste com a verdade das cartas familiares, se afigura algo romanesca.

O *corpus* das cartas de Coimbra revela, assim, e por antinomia, a verdade da correspondência privada, na sua proximidade entre a vivência e a escrita. A narrativa epistolar que assim se constrói cria um percurso realista e uma perceção sincera que a autobiografia, temporalmente distante, irá por vezes subverter, criando uma outra versão da realidade, passível de ser contraditada apenas pelo acesso ao imediatismo da escrita que as cartas familiares desocultam.

BIBLIOGRAFIA

A., Ruben – E[spólio] 35, Caixa 05.

____ (1993) – *O mundo à minha procura II*. 2.ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.

____ (1998) – *Páginas III*. 2.ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.

ALMEIDA, Teresa Sousa de (1998) – «Nota de apresentação», *Correspondências. 1. O género epistolar*. p. 7-8.

ALTMAN, Janet Gurkin (1982) – *Epistolarity: approaches to a form*. Columbus: Ohio State University Press.

BLANCHOT, Maurice (1959) – *Le livre à venir*. Paris: Gallimard.

CRUZ, Liberto; BRANDÃO, José; LEITÃO, Nicolau Andresen (orgs.) (2001) – *O mundo de Ruben A*. Lisboa: Assírio & Alvim.

KAUFMAN, Vincent (1990) – *L'équivoque épistolaire*. Paris: Ed. de Minuit.

LEJEUNE, Philippe (1975) – *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, Nouv. éd. Augm.

LOPES, Silvina Rodrigues (1998) – *A experiência do desaparecimento. Correspondências. 1. O género epistolar*, p. 149-150.

- MACHADO, Ana Maria (2008) – Diarística e autobiografia. A construção do eu em *Páginas* e em *O mundo à minha procura*, de Ruben A. In *Os programas de Português dos Ensinos Básico e Secundário. Actas das III Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*. Cristina Martins (coord.). Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 73-103.
- ____ (2012) – Ruben A.: *a correspondência como laboratório de escrita*. *Colóquio Letras*, 181, Set-Dez, p. 33-53.
- MELANÇON, Benoît (1996) – *Diderot épistolier: contribution à une poétique de la lettre familière au XVIIIe siècle*, préface de Roland Mortier. Montréal: Fides.
- OLIVEIRA, Fernando Matos (2006) – Uma «sensação estranha da realidade»: estética e diarística em Ruben A. In *O mundo à minha procura: Ruben A. trinta anos depois: estudos*. José Carlos Seabra Pereira (coord.). Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 55-62.
- PONCIONI-MÉRIA, Claudia (2003) – «Ma chère Maman». Une étude sur la correspondance entre Carlos e Julieta Augusta de Andrade. In *Au fil de plume. L'épistolaire dans le monde lusophone*, Anne-Marie Quint (dir). Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, p. 79-92.
- ROCHA, Andrée Crabbé (1965) – *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.
- SEARA, Isabel Roboredo (2008) – «Palavra nómada. Contributos para o estudo do género epistolar». In *Estudos Linguísticos*. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, p. 121-144.
- SMITH, Amy Elizabeth (1998) – *Travel Narratives and the Familiar Letter Form in the Mid-eighteenth Century*. «*Studies in Philology*», 95: 1 (Winter), p. 77-96.
- VIOLI, Patricia (1999) – *Cartas*. In *Discurso y literatura: nuevos planteamientos sobre el análisis de los géneros literarios*. Teun A. Van Dijk (ed.); trad. Diego Hernández García. Madrid: Visor Libros, p. 180-203.